

Campanha, pugilato não

Embora alguns partidos ainda não tenham oficializado candidaturas à Presidência da República, a campanha eleitoral já tomou conta das ruas. O País experimentará doravante um clima eletrizado pelas emoções políticas e seguramente por algumas turbulências próprias do período eleitoral. É possível que, condenada há 29 anos à abstinência em matéria de escolha direta do presidente da República, a sociedade v. a diante em seu entusiasmo, com o transbordamento de paixões na afirmação de suas tendências eleitorais.

A excitação política em uma conjuntura particularmente adversa não colabora para a sustentação da paz na ordem social, como se infere de episódios já hoje sob o domínio da História. Recém-resgatado do autoritarismo para a prática da fraternidade democrática, o Brasil exibe ainda estruturas políticas frágeis, cuja consolidação depende exatamente da escolha direta, por sufrágio universal e secreto, do futuro presidente.

A transferência do poder entre civis, a primeira a ocorrer desde os idos de 1961, completará a liturgia democrática da transição. Daí por diante, florescerão na consciência nacional esperanças renovadas, no que tange ao desate do impasse econômico-financeiro e ao resgate da imensa dívida social da Nação para com milhões de brasileiros cronicamente atirados à miséria.

Todavia, para que o projeto institucional chegue a seu termo sem acontecimentos

traumatizantes, capazes de reabrir antigas feridas mal cicatrizadas, é fundamental que a campanha ora em curso obedeça a um desenvolvimento civilizado. E o que convém a um povo que, em demonstração plena de amadurecimento político, condenou o antigo regime por meio da maior campanha civilista já, a acontecida no País.

Vem a propósito constatar que, apesar da lição revigorante ministrada pela sociedade civil, alguns candidatos já trocam conceitos pessoais contundentes, at, e mesmo com o uso de verbalizações rasteiras. Os partidos políticos e os seus postulantes estão no dever de guardar limites éticos correspondentes à magnitude de seus respectivos papéis na ordenação do processo sucessório, a fim de permitirem ao eleitorado opções fundadas na racionalidade política.

O debate só pode ser considerado útil ao esclarecimento da Nação se renunciar às assacadihas pessoais e centrar-se na discussão das idéias. Em qualquer circunstância, não poder, a haver a exigência de outro comportamento, quanto mais na situação em que o Brasil se encontra, acossado por dificuldades exasperantes para todos os segmentos sociais.

Se candidatos e partidos não tiverem consciência da dimensão histórica do momento, a campanha eleitoral poderá converter-se em um pugilato retórico. Daí para a desordem social, o caminho é curto.